



IDADE CONTEMPORÂNEA

Descolonização Afro-asiática

Enquanto o mundo era tomado pelo bipolarismo da Guerra Fria, acontecia também o fim do colonialismo sobre África e Ásia, que ocorria desde o século XIX. Acompanhe alguns dos principais momentos de descolonização.



1) Descolonização da Ásia

A maioria dos países asiáticos conquistou sua independência por um destes caminhos: a Guerra de libertação ou a concessão pacífica de independência pela metrópole. No primeiro caso, independência por guerra, normalmente o país passava por um grande processo de transformações inspiradas no socialismo. Nos processos de ruptura pacíficas assistiu-se a um desdobramento do neocolonialismo, ou seja, as elites locais receberam o poder e deixaram seus países submetidos às antigas metrópoles.

Índia – Em 1947 a Índia obteve sua independência, graças a ação do líder pacifista **Mahatma (ou Mohandas) Gandhi**, após anos de resistência pacífica à dominação inglesa. A Índia, país de diversas culturas e religiões teve um processo de libertação conturbado, onde os ingleses incitavam as diferenças religiosas, principalmente entre **hindus** e **muçulmanos**, para manter seu domínio.

Após a Segunda Guerra, a Índia ganhou a independência, mas dividiu-se em dois Estados: a **República União Indiana** (de maioria hinduísta) e a **República do Paquistão** (de maioria islâmica).

Mais tarde a Ilha do Ceilão, onde predominava o Budismo, formou outro Estado, o **Sri Lanka**. Em 1971, o Paquistão Oriental separou-se do Ocidental e formou a **República de Bangladesh**.

Indonésia – Dominada anteriormente pela Holanda, a Indonésia foi ocupada na Segunda Guerra Mundial pelo Japão. Após a Guerra, em 1945, os indonésios criaram a República da Indonésia. Como a Holanda não aceitou a independência, iniciou um período conflituoso contornado apenas em 1949 com a mediação da ONU e dos EUA. A Indonésia tornou-se, então, independente.

EXTRA: Conferência de Bandung

Em 1955 a Conferência de Bandung, reuniu 29 países do chamado Terceiro Mundo, que não se consideram participantes dos dois grandes blocos que se digladiavam durante a Guerra Fria. A conferência concluiu com a elaboração de dez princípios, entre os quais figuraram o respeito aos direitos do homem, a igualdade de todos os povos, o respeito à Carta das Nações Unidas em matéria de defesa e da solução dos conflitos de maneira pacífica. Todo tipo de colonialismo e imperialismo foi condenado. A conferência de Bandung marcou a presença política dos países do Terceiro Mundo e levaria à formação do Movimento dos Países Não-Alinhados, o bloco alternativo às duas superpotências.

A Conferência de Bandung expressava o crescente sentimento de frustração e alienação entre as nações assim chamadas de 'não alinhadas' da África, Ásia e Oriente Médio. Eram nações que preferiram manter-se neutras durante a Guerra Fria, acreditando que seus interesses seriam preservados não se alinhando nem à URSS nem aos EUA. Países como Iugoslávia, Egito, Indonésia, Índia, Iraque, República Popular da China, reuniram-se para analisar as questões consideradas mais prementes. Vários discursos e resoluções condenaram o colonialismo e o imperialismo, conclamando pela libertação de todos os povos e nações subjugadas; o racismo em todas as suas formas foi igualmente criticado, sendo que o sistema de apartheid da África do Sul foi particularmente objeto de duras denúncias. Essas nações também conclamaram pelo fim da corrida de armas nucleares e a completa eliminação das armas atômicas já existentes.

Fonte: <http://operamundi.uol.com.br/>

2) Descolonização da África

Na África, em meados do século XX, iniciou o processo de descolonização. As colônias, de maioria pertencentes à Inglaterra e França foram obtendo sua liberdade. Em 1956, existiam apenas 03 países independentes na África Negra: Etiópia, Libéria e África do Sul. Nos cinco anos seguintes, 29 países conseguiram sua libertação nacional.

Argélia – Até o término da Segunda Guerra, a Argélia, país de maioria muçulmana, foi dominada pela França. Em 1954 formou-se a FLN (frente de Libertação Nacional), que iniciou a Guerra de independência contra os colonizadores. O reconhecimento da independência viria apenas em 1962, quando o presidente De Gaulle reconheceu a existência (e liberdade) da República Democrática da Argélia.

Congo – Patrice Lumumba fundou o Movimento Nacional Congolês, que lutou meio século pela independência. O Congo, colonizado pela Bélgica, conseguiu sua independência no início dos anos 60. o novo governo teve Lumumba como primeiro-ministro. No recém independente Congo, na província de Katanga, eclodiu um movimento de caráter separatista, que se arrastaria até 1964. Em 1971 o Congo mudou de nome para Zaire.

Colônias Portuguesas – Guiné-Bissau, Moçambique, Angola e os arquipélagos de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, todas colônias portuguesas, foram as que mais tarde conseguiram independência na África. Apenas após a queda do Regime Salazarista (espécie de fascismo português), em 1973, com a Revolução dos Cravos em Portugal. Em 1974 e 1975, as colônias portuguesas tornaram-se livres.

África do Sul e Apartheid

No década de 1990 a pressão internacional forçou o governo da África do Sul a acabar com a segregação dos Negros. Em 1994 foi eleito Nelson Mandela, o primeiro presidente negro depois de que o regime do *apartheid* foi instalado em 1948. Desde os anos 40 a elite branca (de origem inglesa e holandesa) encontrou uma maneira constitucional de se manter no poder e instalou o regime do *apartheid*, onde os negros eram excluídos social e politicamente. Em 1962, a organização negra que lutava contra o *apartheid*, o CNA (Congresso Nacional Africano) foi considerado ilegal, e seu líder, Nelson Mandela, preso. Mandela retornaria à liberdade apenas em 1990. Em 1992, um plebiscito feito entre a população branca manifestou a vontade de 69% dessa parcela da população de acabar com o *apartheid*. A primeira eleição com igualdade para todos foi em 1994

EXTRA: ONU pede ações baseadas na filosofia de Ghandi

Em tempos dramáticos e perigosos, o vice-secretário-geral das Nações Unidas, Jan Eliasson, apelou à comunidade internacional para reafirmar o poder e o potencial de provocar mudanças através de meios pacíficos, seguindo a filosofia de Mahatma Gandhi, líder que inspirou o Dia Internacional da Não Violência (2 de outubro).

“A resposta à violência é, muitas vezes, mais violência quando, na verdade, são necessárias a reconciliação e o diálogo”, disse Eliasson em um evento especial para a ocasião, realizada na sede da ONU em Nova York.

Ele pediu que a comunidade internacional adote os valores fundamentais consagrados por Gandhi: paixão, compaixão e crença na dignidade e no valor igual de todos os seres humanos.

Jan Eliasson lembrou o alerta de Gandhi de que “olho por olho, o mundo acabará cego”.

O Dia Internacional, marcado anualmente no aniversário de nascimento de Gandhi, comemora sua filosofia e táticas da não violência, adotadas por líderes de todo o mundo. A data especial foi estabelecida pela Assembleia Geral das Nações Unidas como uma ocasião para “difundir a mensagem da não violência, incluindo por meio da educação e conscientização pública”, e tem sido observada anualmente desde 2007.

A histórica “Marcha do Sal”, ou “Satyagraha do sal”, promovida por Gandhi contra a tributação colonial injusta, bem como suas demais ações de resistência não violenta inspiraram mudanças em diversos países – da Geórgia à África do Sul, da Irlanda do Norte aos Estados Unidos –, disse Eliasson.

O evento deste ano é particularmente relevante dado o ressurgimento do extremismo e do sectarismo em algumas partes do mundo, disse o vice-chefe da ONU. Ele acrescentou que muitas minorias encontram-se sob ataque, com milhares de pessoas sendo deslocadas pelos conflitos em curso.

“Devemos abraçar a não violência e as soluções pacíficas como o caminho para transformações sustentáveis e equitativas das sociedades”, disse Eliasson.

Fonte: <http://www.onu.org.br> – publicado em 02.09.2014

TESTES DE VESTIBULAR

1. (ENEM 2012)



LORD WILLINGDON'S DILEMMA

Disponível em: www.gandhiserve.org. Acesso em: 21 nov. 2011.

O cartum, publicado em 1932, ironiza as consequências sociais das constantes prisões de Mahatma Gandhi pelas autoridades britânicas, na Índia, demonstrando

- a) a ineficiência do sistema judiciário inglês no território indiano.
- b) o apoio da população hindu a prisão de Gandhi.
- c) o caráter violento das manifestações hindus frente à ação inglesa.
- d) a impossibilidade de deter o movimento liderado por Gandhi.
- e) a indiferença das autoridades britânicas frente ao apelo popular hindu.

2. (ENEM 2009) O ano de 1968 ficou conhecido pela efervescência social, tal como se pode comprovar pelo seguinte trecho, retirado de texto sobre propostas preliminares para uma revolução cultural: “É preciso discutir em todos os lugares e com todos. O dever de ser responsável e pensar politicamente diz respeito a todos, não é privilégio de uma minoria de iniciados. Não devemos nos surpreender com o caos das ideias, pois essa é a condição para a emergência de novas ideias. Os pais do regime devem compreender que autonomia não é uma palavra vã; ela supõe a partilha do poder, ou seja, a mudança de sua natureza. Que ninguém tente rotular o movimento atual; ele não tem etiquetas e não precisa delas”.

Journal de l'acomuneétudiante. Textes ET documents. Paris: Seuil, 1969 (adaptado).

Os movimentos sociais, que marcaram o ano de 1968,

- a) foram manifestações desprovidas de conotação política, que tinham o objetivo de questionar a rigidez dos padrões de comportamento social fundados em valores tradicionais da moral religiosa.

- b) restringiram-se às sociedades de países desenvolvidos, onde a industrialização avançada, a penetração dos meios de comunicação de massa e a alienação cultural que deles resultava eram mais evidentes.
- c) resultaram no fortalecimento do conservadorismo político, social e religioso que prevaleceu nos países ocidentais durante as décadas de 70 e 80.
- d) tiveram baixa repercussão no plano político, apesar de seus fortes desdobramentos nos planos social e cultural, expressos na mudança de costumes e na contracultura.
- e) inspiraram futuras mobilizações, como o pacifismo, o ambientalismo, a promoção da equidade de gêneros e a defesa dos direitos das minorias.

3. (Enem 2012)

Nos anos que se seguiram à Segunda Guerra, movimentos como o Maio de 1968 ou a campanha contra a Guerra do Vietnã culminaram no estabelecimento de diferentes formas de participação política. Seus *slogans*, tais como "Quando penso em revolução quero fazer amor", se tornaram símbolos da agitação cultural nos anos 1960, cuja inovação relacionava-se

- a) à contestação da crise econômica europeia, que fora provocada pela manutenção das guerras coloniais.
- b) à organização partidária da juventude comunista, visando o estabelecimento da ditadura do proletariado.
- c) à unificação das noções de libertação social e libertação individual, fornecendo um significado político ao uso do corpo.
- d) à defesa do amor cristão e monogâmico, com fins à reprodução, que era tomado como solução para os conflitos sociais.
- e) ao reconhecimento da cultura das gerações passadas, que conviveram com a emergência do rock e outras mudanças nos costumes.



Texto do Cartaz: "Amor e não guerra"

Foto de Jovens em protesto contra a Guerra do Vietnã.
Disponível em: <http://goldenyears66to69.blogspot.com>.
Acesso em: 10 out. 2011)

4. (ENEM 2013) Tendo encarado a besta do passado olho no olho, tendo pedido e recebido perdão e tendo feito correções, viremos agora a página — não para esquecê-lo, mas para não deixá-lo aprisionar-nos para sempre. Avancemos em direção a um

futuro glorioso de uma nova sociedade sul-africana, em que as pessoas valham não em razão de irrelevâncias biológicas ou de outros estranhos atributos, mas porque são pessoas de valor infinito criadas à imagem de Deus.

Desmond Tutu, no encerramento da Comissão da Verdade na África do Sul. Disponível em: <http://td.camara.leg.br>. Acesso em: 17 dez. 2012 (adaptado).

No texto, relaciona-se a consolidação da democracia na África do Sul à superação de um legado

- a) populista, que favorecia a cooptação de dissidentes políticos.
- b) totalitarista, que bloqueava o diálogo com os movimentos sociais.
- c) segregacionista, que impedia a universalização da cidadania.
- d) estagnacionista, que disseminava a pauperização social
- e) fundamentalista, que engendrava conflitos religiosos

5. UNESP No início dos anos 1990, o presidente Frederik de Klerk declarou oficialmente o fim do apartheid na África do Sul. Esta política racista

- a) prevaleceu durante toda a história independente do país e assegurou o convívio harmonioso de brancos e negros sul-africanos.
- b) foi implantada após o final da Segunda Guerra Mundial e prolongou o domínio britânico sobre o país por mais cinquenta anos.
- c) vigorou por mais de quarenta anos e foi um dos instrumentos da minoria branca sul-africana para se impor à maioria negra.
- d) foi encerrada apesar do amplo apoio internacional e revelou a dificuldade dos africanos de solidificarem suas instituições políticas.
- e) determinou o prevailecimento socioeconômico de uma elite mestiça e aprofundou as relações interraciais no país.

Gabarito: 1.d / 2.e / 3.c / 4.c / 5.c